

Econ. Brasil Sinais Contraditórios DO BRASIL

Uma leitura rápida do noticiário econômico há de deixar o cidadão perplexo. O governo comemora os menores índices de inflação e recordes nas exportações, mas a Fiesp acusa queda de vendas (recessão para alguns) e desemprego. Como entender o que está se passando se os empresários estrangeiros (da indústria automobilística às grandes cadeias de varejo) apostam firme no potencial do mercado brasileiro?

Quem se acostumou, forçado pelo processo hiperinflacionário, a raciocinar só no curtíssimo prazo (ou no *overnight*) está custando a se adaptar aos tempos da estabilização econômica. Este parece ter vindo para ficar, se depender da disposição modernizadora do governo Fernando Henrique, como o presidente reiterou na Bélgica e na Alemanha.

O discurso dos derrotistas — seguidamente vencidos pelos fatos nos vaticínios de fracasso do Plano Real (desde a URV) — insiste em relegar a plano secundário os êxitos e conquistas da estabilização. O principal, inconteste, foi a extraordinária recuperação do poder de compra das camadas desfavorecidas, após a derrubada da inflação.

Atrelar o aumento do desemprego (consequência da globalização) ao Real é tentar escamotear forte ponta de saudosismo da inflação e do modelo fechado que durante tantos anos premiou os cartéis e a ineficiência com grandes lucros, mediante contínuo repasse de custos (incentivado pela indexação) aos preços cobrados ao consumidor.

Passou o tempo de ganhar mais vendendo menos, através do perverso aumento das margens de lucro. Os indicadores que apontam um país estagnado na expansão da renda interna, sabidamente mal distribuída, estariam sendo desmentidos pouco a pouco pela realidade. A economia formal é bem menor que a do Brasil verdadeiro quando se incorpora a parte que vive na informalidade e a fatia que insiste em sonegar impostos.

A explosão do mercado para os carros nacionais e importados não passou ao largo do investidor externo. O desembarque de cadeias varejistas, como a americana Wal-Mart, mostra a trilha para aproveitar o potencial do mercado interno. Os diversos segmentos do comércio precisam se adaptar à economia de escala, onde se lucra mais vendendo mais, pelo aumento da eficiência e da produtividade e a eventual redução da margem de lucro por produto. Baixar o preço, como fez a Volkswagen, é a saída para o comércio e os restaurantes atraírem o consumidor.

As boutiques e confecções que se acostumaram a vender no Brasil com margens de lucro superiores a 120% ou 200% (que ficam patentes quando uma liquidação é anunciada com descontos até 70%), precisam reformular suas estratégias se quiserem conquistar o povão e evitar que a élite que pode viajar continue formando seu guarda-roupa com a qualidade e os preços bem mais acessíveis do exterior.

A inauguração de *shoppings off price* e *outlets*, onde as grandes cadeias de confecções oferecem produtos em condições menos luxuosas, porém altamente favoráveis para o consumidor, veio preencher a necessidade de uma nova estrutura de capital de giro para a indústria. Assim como os bancos viram a queda brusca da inflação esvaziar a receita proveniente do *float* (dinheiro não remunerado) de 26% para apenas 1% das receitas totais, a indústria e o comércio devem encontrar outros meios para substituir os ganhos inflacionários das aplicações financeiras. Os *shoppings outlets* e as lojas de desconto permitem recuperar capital de giro sem se sujeitar aos escorchantes juros bancários.

O cenário está desenhado “ao sucesso”, como anunciou o presidente da República aos investidores alemães. Fernando Henrique foi eleito com o compromisso das reformas e sabe que o Brasil tem pressa. Só falta o Congresso retomar as votações para modernizar o país.